

IV Congresso Estadual do PSOL-SP.

TOMAR AS RUAS, AVANÇAR NAS CONQUISTAS RUMO AO SOCIALISMO!

A) Conjuntura nacional, internacional e a tática para o período.

Como era de se esperar, as grandes mobilizações que assistimos mundo afora chegaram ao Brasil. Na Europa os trabalhadores e estudantes ocuparam as ruas contra os ataques aos seus direitos implementados pelos governos para socorrer o capital. A situação de desemprego (por exemplo, a Espanha tem 50% da sua juventude desempregada), arrocho salarial, retirada de direitos sociais e trabalhistas foi a política adotada por Portugal, Espanha, Grécia, Itália entre outros países que tentam seguir as orientações da Alemanha para sair da crise. A resposta foi uma greve geral que atingiu 17 países do continente. Mobilizações massivas tomaram as ruas e praças declarando que os trabalhadores não vão pagar os custos da crise.

Também vimos no norte da África e Oriente Médio o povo tomando as ruas e praças em defesa dos seus direitos. Os levantes foram provocados basicamente pelos mesmos motivos: alto índice de desemprego, aumento do custo de vida e baixos salários e contra o autoritarismo político a muitos anos no poder. Fato é que os trabalhadores não estão assistindo passivamente tal situação. Nos quatro cantos do planeta há grandes manifestações, reagindo e resistindo por não aceitar que os custos da crise sejam debitados nas costas dos trabalhadores. É nessa perspectiva que devem ser entendidas as manifestações no norte da África e no Oriente Médio, derrubando governos há anos instalados.

O golpe militar no Egito acaba com as flores da Primavera Árabe. A queda do ditador Hosni Mubarak colocou fim ao regime militar que perdurava desde 1953 e levou ao poder o primeiro presidente eleito democraticamente. O povo tomou as ruas no país exigindo, além da democratização, melhores condições de vida, emprego e salários. O primeiro presidente eleito na história do país, Mohamed Morsi, tinha a tarefa de atender as demandas econômicas e sociais da população. A ampla aliança que o levou ao poder começou a romper quando, num gesto de autoritarismo, propôs uma revisão constitucional e a entregou a um seletivo grupo da Irmandade Muçumana (seu partido).

Como a situação econômica do Egito não era de fácil solução (a bem da verdade, a crise do capital não é privilégio do país dos faraós), as negociações com o FMI e os empréstimos com os países árabes não bastaram para acalmar os ânimos dos manifestantes. A falta de combustíveis, de alimentos e, por consequência, a alta dos preços mantinha o nível de insatisfação também elevado. O governo de Morsi não conseguiu responder a principal demanda da Praça Tahrir: combater o alto índice de desemprego que o país enfrentava, principalmente na juventude, o povo retornou para a praça.

Por outro lado, quando colocou seu governo acima do Judiciário e se atribuiu poderes extraordinários para influenciar a redação de uma nova constituição, tal gesto foi considerado por alguns setores como um golpe constitucional, provocando a perda de alianças fundamentais para a manutenção da governabilidade. Todos, a exceção dos aliados islâmicos, abandonaram o governo demitindo-se de seu gabinete e de uma comissão de cem membros que estava elaborando uma constituição. Povo na praça e sem apoio político somado ao elemento religioso,

uma vez que o governo passa ser basicamente da Irmandade Mulçumana, apontando para uma islamização do país estava dada as condições para o retorno dos militares.

O continente africano continua sendo vítima das disputas imperialistas. Assim, desde o século XIX, vimos: governos ditatoriais e ou corruptos, miséria e fome, doenças e refugiados, disputa das grandes potências por recursos minerais. A nosso ver, todos esses elementos estão intrinsecamente interligados, pois é justamente a exploração depredatória que as potências capitalistas - e aqui incluímos a China – instalaram no continente é que gerou governos ditatoriais e corruptos para defender os interesses do capital contra uma população empobrecida, que não tem nenhum acesso às condições mínimas de sobrevivência.

Levantamento feito pela Associated Press de dados de comércio aponta que a China ultrapassou os EUA em parcerias comerciais com grande parte do mundo. Em 2011, os EUA era o maior parceiro comercial para 76 países, enquanto a China era para 124 países. Este é um dos elementos que apontam o crescimento constante da economia chinesa sobre o mundo.

As relações que a China vem estabelecendo com o mundo asiático de preponderância, sua incursão na África, com o envio de pessoal para operar diretamente seus interesses no continente e sua chegada arrojada na América Latina nos indica que o país tem uma estratégia expansionista tendo em vista a concretização de um império.

As indústrias europeias, estadunidenses e chinesas continuam drenando as riquezas do continente e deixando para trás uma terra arrasada e um povo faminto e doente. Que as riquezas do continente africano sejam para garantir qualidade de vida para o povo africano, abaixo os governos ditatoriais e corruptos da África, fora o imperialismo do continente africano.

Barack Obama vê sua popularidade cair depois do seu governo ser denunciado por “espionar” as ligações telefônicas e o uso da internet pela população. Além disso, a economia também não dá mostras de recuperação, uma vez que os índices de desemprego não caem e a economia não apresenta crescimento significativo. Também lá vimos a população se mobilizando, em 2012, milhares de jovens tomam as ruas criticando justamente a concentração da riqueza, no movimento que ficou conhecido como “Ocupa Wall Street”. Em que pese, que as os índices apontam recuperação do crescimento econômico, podendo a chegar em 2014 em até 3,5%.

Na América Latina os movimentos eclodem pelos vários países. O mais forte que vimos foi no Chile quando os estudantes decretaram greve contra a privatização e a municipalização da educação. Os governos de países como Venezuela, Equador e Bolívia estão presos à disputa pela manutenção do poder, enfrentando a direita oligárquica de cada país, principalmente, nos processos eleitorais. O povo tem mostrado apoio e ido as urnas para votar na permanência dos governos “populares” e saído as ruas para defender a manutenção dos mesmos. É bem verdade, que na América Latina, mesmo onde se apresenta a aplicação de modelos transitórios para a socialização dos meios de produção, mantêm-se a geração das riquezas nacionais em torno da dependência da exportação de commodities agrícolas, minerais e energéticas. Esforços garantidores de segurança alimentar como a ampla reforma agrária executada na

Venezuela ainda não possibilitou um equilíbrio no abastecimento atacadista e varejista urbanos.

O que está evidente é que os governos estão depositando os custos da crise nas costas dos trabalhadores, a fim de salvar os banqueiros e especuladores vítimas da própria ganância. A crise vai continuar se aprofundando e os trabalhadores vão continuar resistindo, mirando um salto qualitativo para além das lutas reivindicatórias.

DEFENDEMOS AS SEGUINTE CONSÍGNIAS

- Em Defesa da Autodeterminação dos povos;
- Em defesa de um Estado Palestino, laico, democrático e socialista;
- Fora Israel dos territórios palestinos;
- Fim do embargo econômico a Cuba;
- Fim das bases militares norte-americanas no mundo;
- Fora o imperialismo do continente africano.

VOLTA DA INFLAÇÃO E O POVO NAS RUAS

AMEAÇAM REELEIÇÃO DE DILMA ROUSSEFF.

Desde 1999 o país tem sua macroeconomia sustentada em um tripé, a saber: regime de metas de inflação; metas de superávit fiscal; e flexibilidade cambial. Tal tripé foi mantido pelo Governo Lula (um dos elementos que aponta a continuidade do Governo FHC) e sofreu pequenas mudanças com Dilma, mas não o suficiente para indicar um novo percurso. Trata-se na verdade de medidas que o governo se vê forçado a tomar por conta do ‘efeito-contágio’ da crise financeira da zona do Euro.

Tal política começa a dar mostras de esgotamento. Os trabalhadores se veem as sombras da volta da inflação no país. Os preços dos produtos alimentícios têm sofrido altas constantes, atingindo diretamente os trabalhadores, pois seus salários não recebem nem mesmo a reposição inflacionária. O conjunto da massa salarial, com data base no primeiro semestre, recebeu reajuste abaixo da inflação.

A política de endividamento aplicada pelo governo para garantir o consumo e de redução de impostos para os diversos setores da produção gerou por um tempo certa euforia e sensação de bem-estar que assegurou grande popularidade a presidente, mas que agora está chegando ao seu limite. Os juros voltaram a subir (a redução da taxa selic para 7,25% ao ano teve efeito positivo na popularidade do governo) e há fortes indicativos que não vai parar tão já.

Contudo, o projeto neoliberal seque seu curso. O governo Dilma continua privatizando aeroportos, rodovias, portos e recursos minerais. A entrega das jazidas de vários minérios para a o setor privado tem assegurado pela Companhia de Pesquisa de

Recursos Minerais (CPRM), que em alguns casos, o risco é zero. Ou seja, uma estatal faz o trabalho de pesquisa para encontrar e mapear os recursos minerais do país e depois entrega para a iniciativa privada, que tem seu lucro garantido. O que não é muito diferente do que está ocorrendo com as descobertas do pré-sal.

Desgastes também enfrentados junto ao Congresso Nacional para aprovação de algumas leis têm dificultado a vida da presidente. A chamada PEC dos Portos, o Código Florestal, a lei dos royalties do petróleo entre outros também ajudam a empurrar a popularidade da presidente para baixo. Mesmo a PEC das Domésticas que teria certo apelo popular acabou não repercutindo em prol da presidente no meio de tantos pontos negativos.

Numa crescente de mobilizações chegamos à explosão das massas nas ruas. Agora impulsionada contra o aumento da tarifa dos ônibus nas diversas cidades do país. Movimento vitorioso em seus diversos aspectos, mas principalmente, pois conseguiram reduzir o preço da tarifa. Antes tivemos os trabalhadores da construção civil por país em uma grande greve puxada pelos trabalhadores das usinas de Jirau, Belo Monte e Santo Antonio; Os trabalhadores das universidades públicas federais também realizaram uma grande mobilização nacional chegando a ter 20 estados participando da greve; bombeiros da Bahia e Rio de Janeiro saíram às ruas para denunciar os baixos salários e as péssimas condições de trabalho, provocando grande comoção nacional; estudantes da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul também já haviam tomado às ruas em defesa da escola pública de qualidade.

O elemento novo nesse processo dos estudantes foi o ‘espontaneismo’ e falta de direção do movimento. A convocação, como na Europa, EUA e no norte da África, teve como principal recurso à internet. O uso das redes sociais tem se espalhado pelo mundo com a finalidade de organizar manifestações de protestos e tem sido muito eficaz. Porém notamos uma dificuldade de estabelecimento de uma perspectiva para além da pauta reivindicatória desses movimentos. Assim atingido o objeto imediato tende para a dispersão sem acumular organização e forças para avançar rumo à superação de outros elementos de exploração e opressão.

SÃO PAULO O REINO DO NEOLIBERALISMO...

Após vinte anos a frente do governo do Estado de São Paulo, o PSDB apresenta sua obra quase acabada de implantação do neoliberalismo. Privatizou quase todas as empresas do estado, arrochou os salários do funcionalismo, reduziu drasticamente o número de servidores (demissão), ‘tercerizou’ e ‘precarizou’ a contratação, deteriorou as condições de trabalho... Esse conjunto de ataques sobre os serviços públicos resultou na piora significativa na qualidade dos serviços oferecidos à população. Assim, saúde, educação, segurança, moradia, transporte etc sofreram as consequências de uma política que privilegia o atendimento ao sistema financeiro – pagamento das dívidas públicas – em detrimento do atendimento as necessidades da população.

As manifestações dos caminhoneiros é simbólica contra a política que esse governo vem implementando no estado. A privatização das rodovias elevou em muito as tarifas dos pedágios, que tinha aumento previsto para julho e o governo recuou devido às mobilizações que estavam ocorrendo por todo o país. Ainda assim, não conseguiu impedir as paralisações das diversas rodovias do estado, pois a luta da categoria é pela redução do valor do pedágio.

Como ao longo desses vinte anos não apresentou soluções para o problema de mobilidade e não ofereceu transporte público de qualidade para a população o Governo Alckmin passou a fazer parte do problema. A situação do metrô, dos trens e do transporte metropolitano se caracteriza pela péssima qualidade e pelo alto custo. Os trabalhadores e estudantes estão dizendo que não vão mais aceitar essa situação: que garante altos lucros para as empresas e encarece ainda mais a vida do povo.

Segurança está confirmado que não é o forte de Geraldo Alckmin. Segurança está confirmado que não é o forte de Geraldo Alckmin. Em 2006, Alckmin na pessoa do secretario Fujikawa fechou acordo com o crime organizado, o PCC, para que parassem as rebeliões em todo o Estado. Novamente a população enfrentou um nível alarmante de violência. Na guerra entre polícia e bandidos quem é vitimada é a população pobre, principalmente a juventude negra. Além de aplicar uma política de criminalização dos movimentos sociais, como vimos com os estudantes da USP e no Pinheirinho - para citar apenas dois exemplos, PSDB/Alckmin tem feito utilizado de uma política de higienização social, ou seja, através de uma política que condena a pobreza busca limpar as ruas das vítimas do sistema.

O sistema prisional é uma das maiores mazelas do Governo Tucano, o crime organizado comanda as unidades prisionais e os trabalhadores do sistema são encurralados nas unidades e muitos precisam de tratamento psiquiátrico pelo modo de trabalho que é oferecido. Unidades que a capacidade é de 1000, atualmente está com 3000 presos, um funcionário muitas vezes entra no pavilhão para abrir as celas sozinho, celas essas com 20 presos e um total de 350 sentenciados em cada pavilhão para um funcionário sozinho, ser responsável por atendimento, encaminhamento ao ambulatório, judiciário, não tem médicos nas unidades e os remédios quando tem é entregue pelo ASP (Agente de Segurança Penitenciária), que é sobrecarregado em suas funções de psicólogo, disciplinador e enfermeiro, entre outras. No tocante à administração, o autoritarismo prevalece. Diretores, chefes são todos nomeados com base no apadrinhamento político, não é por competência e quem os enfrenta, tem que sair de tratamento médico, haja vista a perseguição e o assédio moral que recebe quem se opõe.

A educação é a casa por excelência das políticas neoliberais deste governo. Em sintonia com o governo federal, a população que utiliza a escola pública e os trabalhadores do setor, tem sofrido toda sorte de ataques. Desde a chegada em 1995, com a implantação da municipalização, passando pela aprovação automática, até o projeto Ensino Médio Integral não alteraram a qualidade da educação no estado (pelo menos para melhor).

Do ponto de vista dos trabalhadores também não houve paz. Incessantes ataques sobre a categoria: a divisão dos professores em várias subcategorias, passando pela política do mérito que absolutamente não serve como política salarial, até a forma mais precária de contratação que não está prevista em lugar nenhum da legislação federal que é a categoria “O” a destruição da profissão do magistério tem sido uma constante deste governo. Daí o desinteresse dos jovens por essa carreira. Precarização na contratação dos professores, péssimas condições de trabalho, condições de saúde se deteriorando, aumento da violência (que já chegou à sala de aula), jornada estafante, aumento do assédio moral são exemplos da real situação que estão submetidos os professores pelo governo do estado.

PRÓXIMO PERÍODO: MAIS LUTAS!

Entendemos que dada a gravidade da crise e do conjunto de ataques que virão sobre os trabalhadores é fundamental a construção de um organismo de frente única para organizar a resistência e a unidade das categorias. Os governos do PT e PSDB e seus aliados não pouparão esforços para salvar o capital nacional e internacional. Temos que demarcar claramente, para os trabalhadores, de que lado está o PSOL, que não é possível estarmos do mesmo lado daqueles que estão retirando direitos ou roubando os trabalhadores.

O conjunto da militância do PSOL deve estar atento para organizar e impulsionar mobilizações por todo o país. Nossos ativistas que atuam no movimento social (popular, sindical e juventude) têm a tarefa de fazer o debate diferenciado registrando que, para além das pautas individuais das categorias e movimentos, há a luta geral contra esse sistema baseado na exploração e opressão. Mantemos a utopia da construção de uma sociedade justa, igualitária e solidária.

A luta das mulheres, dos negros, contra a homofobia e de todos os setores que constroem o partido, deve ter valorização destacada e garantida com a infra-estrutura necessária para potencializar, fomentar o debate e a construção do partido. Neste sentido, nossos mandatos devem estar em sintonia com a pauta dos movimentos onde atuamos, ajudando dar visibilidade e atuando como um porta-voz do movimento no parlamento.

Cabe a nós a luta em defesa do meio ambiente e anticapitalista. A denúncia de que é da essência do sistema capitalista a destruição da natureza e, por consequência, da humanidade, só é possível pelos socialistas. A voracidade por lucro não permite uma relação sustentável com a natureza, haja vista, por exemplo, a atuação do setor do agronegócio no Congresso quando da votação do Código Florestal e a polêmica com a demarcação das terras indígenas e quilombolas. Afirmamos que não é possível defender o capital concomitantemente com a defesa dos seres humanos e da natureza. Nossa tarefa é construir uma alternativa ecosocialismo.

Para impulsionar e potencializar a organização dos trabalhadores no próximo período, o partido deve garantir um fórum interno onde os militantes possam debater a conjuntura e o que fazer no sentido da reorganização e recomposição do movimento sindical de esquerda no país. O partido deve impulsionar a reestruturação sindical, tendo por base a construção de uma Central Sindical da Classe Trabalhadora.

BANDEIRAS DE LUTA

- ✓ Suspensão imediata do pagamento da dívida interna e externa;
- ✓ Por reforma agrária e urbana, sobre controle dos trabalhadores;
- ✓ Pela revogação da reforma da previdência;
- ✓ Contra o sucateamento dos serviços públicos;
- ✓ Pela Reestatização das empresas privatizadas;
- ✓ Contra a privatização da exploração, refino e distribuição da produção petrolífera;
- ✓ Pela estatização dos bancos e do sistema financeiro;
- ✓ Contra as reformas: trabalhista, sindical, previdenciária e universitária;
- ✓ Contra a devastação ambiental principalmente na floresta amazônica;
- ✓ 10% do PIB para a educação já, 100% dos recursos do pré-sal para a educação;
- ✓ Contra todas as formas de preconceito (racial, sexual, religioso e de gênero). Pelo Feriado Nacional do Dia da Consciência Negra – 20 de novembro;
- ✓ Salário mínimo de acordo com o valor determinado pelo DIEESE;
- ✓ Redução da jornada de trabalho para 30 horas semanais, sem redução de salários;
- ✓ Pelo fortalecimento dos Comitês de defesa do Pré-Sal e pela reestatização das reservas de petróleo;
- ✓ Pelo controle popular e a democratização dos meios de comunicação de massa. Não ao controle dos grupos internacionais nas empresas de comunicação. Pela ocupação do espectro pelas rádios e TVs comunitárias;
- ✓ Abaixo a Lei de Responsabilidade Fiscal;
- ✓ Pelo fechamento imediato dos escritórios da CIA no território brasileiro;
- ✓ Pelo fim do Imposto Sindical;
- ✓ Desapropriação de todos os imóveis que estão há mais de um ano sem utilização para fins de reforma urbana;
- ✓ Pela imediata remarcação das terras indígenas e quilombolas;
- ✓ Por um governo dos trabalhadores e em defesa do socialismo.

B) O PSOL, as eleições 2014 e nossas diretrizes programáticas para as eleições presidenciais.

Entendemos que a participação de um partido classista, anticapitalista, anti-imperialista, que defende a revolução socialista no processo eleitoral burguês não se dá de forma estratégica, ou seja, não acreditamos que a revolução ocorrerá através do voto popular. No processo da construção da emancipação da classe trabalhadora aproveitamos as eleições burguesas para denunciar a exploração capitalista e a necessidade da revolução socialista.

Nosso recorte para a leitura da sociedade tem como base a luta de classes, portanto, a contradição existente entre capital e trabalho é insolúvel nessa sociedade em que vivemos. Aqueles que apregoam a convivência harmônica entre as classes, no fundo defendem a manutenção da exploração dos trabalhadores pelos patrões e tiram o direito dos explorados se rebelarem, ou seja, não há paz possível enquanto o opressor não for derrotado e o oprimido libertado.

É com base nessa referência que deve ser lida nossa participação no processo eleitoral burguês, uma oportunidade tática para avançar na luta da classe trabalhadora rumo à vitória. Levando em consideração esses princípios é que vamos participar no processo eleitoral em 2014. O PSOL deve lançar candidatos tanto majoritários como proporcionais em todos os estados.

Apresentar uma chapa com militantes engajados na luta do povo é tarefa do PSOL, pois é o único partido à esquerda que tem condições de ocupar esse campo de oposição. Neste sentido, no próximo período devemos disputar lideranças dos movimentos populares que estejam interessados em sair candidatos sob o programa do partido. Evidentemente, a conquista de novos mandatos comprometidos com as lutas da classe trabalhadora também é um dos objetivos na nossa participação no processo eleitoral, pois com isso fortalecemos as lutas e a inserção do partido nelas. Porém, em hipótese alguma, a conquista de mandatos deve se sobrepor a luta do povo e ao nosso programa.

Nossa política de alianças deve deixar claro para os trabalhadores aonde nos localizamos na luta de classe. Não podemos confundir a classe com coligações com a base do governo federal ou estaduais. Governos esses que denunciamos junto aos trabalhadores por aplicar a cartilha neoliberal que provoca o descaso com os serviços públicos e o funcionalismo, privatizações, retiradas de direitos trabalhistas, arrocho salarial, desemprego, envolvidos em corrupção, portanto, não são dignos de nenhuma confiança por parte da classe trabalhadora. Neste sentido, PT e seus aliados e PSDB e seus aliados estão fora do nosso arco de alianças.

As manifestações antipartidárias que assistimos durante os grandes atos ocorridos por todo o país demonstraram uma rejeição da juventude e de parte da população aos partidos tradicionais. Neste momento de fúria todos os partidos são colocados no mesmo saco e recusados. O PSOL tem que aproveitar a oportunidade e demonstrar que é diferente desses partidos que tem atacados os direitos dos trabalhadores. Nosso discurso e nossa política de alianças devem estar em harmonia: o PT e seu governo são traidores da classe trabalhadora, portanto, não merecem nenhuma confiança da classe.

Não se trata de não se fazer alianças. O que não pode acontecer foi o que vimos em Belém-PA ou em Macapá-AP, e outros casos mais esdrúxulos que ocorreram nas eleições municipais de 2012, que descaracteriza o nosso partido, o programa e o estatuto. Queremos sim, construir alianças com os partidos de esquerda que não capitularam, não se renderam e nem se venderam, que combatem a política neoliberal e que estejam engajados nas lutas do povo pobre. Queremos sim, construir alianças com os movimentos sociais e seus ativistas.

Outro elemento que é fundamental para mostrar nosso compromisso de classe é a questão do financiamento de campanha. O PSOL defende corretamente o financiamento público de campanha, justamente contra a apropriação do Estado pelo capital. Neste sentido, nossas candidaturas devem cumprir rigorosamente o nosso estatuto, não aceitando doações da burguesia nacional e muito menos internacional.

Condenamos os setores que outrora receberam doações do empresariado e defendemos que o partido comece a tomar sanções contra aqueles que desrespeitam o estatuto.

Cada estado terá liberdade de, observados os critérios de política de aliança apontados aqui, decidir sobre a composição da chapa majoritária e proporcional. Preferencialmente o PSOL deve encabeçar a chapa majoritária, negociando a vice e a vaga de senador. Importante preencher a chapa de proporcionais com lideranças representativas dos diversos movimentos, com convocação especial para as mulheres integrarem a nossa chapa. O empenho para o crescimento do PSOL deve estar intrinsecamente vinculado aos cuidados com as fronteiras do partido. Impedir vulnerabilidade aos oportunistas, carreiristas e outros parasitas da política é a garantia para o partido não perder seu norte: a emancipação da classe trabalhadora.

Tese da corrente TRABALHADORES NA LUTA SOCIALISTA E SIMPATIZANTES AO IV CONGRESSO ESTADUAL DO PSOL-SP.

Assinam esta tese:

1. Leandro Recife – Executiva Nacional
2. Paulo Neves – Diretório Nacional
3. Ederaldo Batista – Executiva SP.
4. Professora Lourdes – Executiva SP.
5. Nayara Navarro - Diretório Estadual, SP.
6. Carlos Rocha - Diretório Estadual, SP.
7. Adalberto Rodrigues Ferreira – Garça, SP.
8. Ademir Andre da Silva – São Carlos, SP.
9. Adriana Ricardo – Marília, SP.
10. Adriana Sapanos de Carvalho – Mauá, SP.
11. Adriano Sapanos de Carvalho – Mauá, SP.
12. Alan Aparecido - São Bernardo do Campo, SP.
13. Alberto Ticianelli – Ribeirão Pires, SP.
14. Aldo Josias dos Santos Jr - São Bernardo do Campo, SP.
15. Aldo Santos - São Bernardo do Campo, SP.
16. Aluiso Figueredo Rios - São Bernardo do Campo, SP.
17. Anderson Guerreiro - Caraguatatuba, SP.
18. André Luiz da Silva – Presidente Prudente, SP.
19. André Rodrigues – Guarulhos, SP.
20. André Sapanos - Mauá, SP.
21. Angela Brito- Guarulhos, SP.
22. Antonio Celso de Oliveira – Guarulhos, SP.
23. Ap. Alexandre da Silva - São Bernardo do Campo, SP.
24. Aparecido José Alves Fº - Guarulhos, SP
25. Benedito Aparecido Filho – São Carlos, SP.
26. Bruno - Ourinhos, SP.
27. Bruno Ap. Teixeira Ricardo – Garça, SP.
28. Celso Roberto B. de Souza – Itanhaém, SP.
29. Chico Grether – São Paulo, SP.
30. Cicero das Garças - São Bernardo do Campo, SP.
31. Claudemir Pires – Garça, SP.
32. Cleber Cordeiro - São Bernardo do Campo, SP.
33. Cleber Cordeiro da Silva - São Bernardo do Campo, SP.
34. Cleberson Santos - São Bernardo do Campo, SP.

35. Cleuza Marzola Ferreira – Lupércio, SP.
36. Cristiano – Itaquaquecetuba, SP.
37. Crystian Reges Rodrigues – Guarulhos, SP.
38. Diego Simoes - São Bernardo do Campo, SP.
39. Dimas - Angatuba, SP.
40. Diógenes B. De Freitas – São Bernardo do Campo, SP.
41. Djalma Almir - São Bernardo do Campo, SP.
42. Edilaine Ferreira dos Santos – Garça, SP.
43. Edson Maciel – Araçatuba, SP.
44. Edvaldo de Andrade - São Bernardo do Campo, SP.
45. Elisabeth Rocha Mendes – Garça, SP.
46. Eric Nunes- Guarulhos, SP.
47. Eunice Calixto – Garça, SP – Garça, SP.
48. Evellyn Almeida - São Bernardo do Campo, SP.
49. Fabio de Souza - Guarantã, SP.
50. Fabinho Legramandi - Presidente Alves, SP.
51. Fabrício – Mairinque, SP.
52. Felipe Borges - São Bernardo do Campo, SP.
53. Fernando da Silva Magalhaes - São Bernardo do Campo, SP.
54. Firmo Alves Cruz - São Bernardo do Campo, SP.
55. Francisco Raimundo dos Santos – Hortoloândia, SP.
56. Gildo Regis – Guarulhos, SP.
57. Gilmar Brito de Carvalho – Guarulhos, SP.
58. Hermeson dos Santos Fé - São Bernardo do Campo, SP.
59. Inacio Guedes Moreira Jr – Guarulhos, SP.
60. Izaias – Itanháem, SP.
61. J. Joaquim B. Neto - Guarulhos, SP.
62. Jamil Prudenciano – Pirajuí, SP.
63. Jardel Josias Palermo - São Bernardo do Campo, SP.
64. Jefferson Nunes de C. Guimaraes – Garça, SP.
65. Jessica Sapanhos Moreira – Mauá, SP.
66. Joao Bernardino de Souza – Marília, SP.
67. João Bosco - São Bernardo do Campo, SP.
68. Joao Sapanos – Mauá, SP.
69. Jorge Nelson da Silva Amaral – Marília, SP.
70. José Antonio Giobom. – Salto, SP
71. Jose Aparecido Antunes – Marília, SP.
72. Jose Irinel - São Bernardo do Campo, SP.
73. José Jesus - Osasco, SP.
74. José Luiz Monteiro – Mairinque, SP.
75. José Nilton Guedes da Silva – Guarulhos, SP.
76. Jose Reinaldo dos Santos - São Bernardo do Campo, SP.
77. José Renato dos Santos – Itu, SP.
78. Jose Silvano de S. Lima - Araçatuba, SP
79. Josineide das Neves Lima - São Bernardo do Campo, SP.
80. Judite Arcanjo de Souza - São Bernardo do Campo, SP.
81. Juju - São Bernardo do Campo, SP.
82. Juliana da Penha R. Domingues – Guarulhos, SP.
83. Jurandir José dos Santos - São Bernardo do Campo, SP.
84. Katiucya Cardoso da Silva - São Bernardo do Campo, SP.

85. Kellen Suely Ferreira – Garça, SP.
86. Leonardo – Mombuca, SP.
87. Lindomar Frederighi – São José do Rio Preto, SP.
88. Lino Fernando Lorenzo – Pracinha, SP.
89. Luana Barbosa Francelin – Garça, SP.
90. Luciana André da Silva – São Carlos, SP.
91. Luciano – Guarujá, SP.
92. Luiz – Presidente Prudente, SP.
93. Luiz Antonio M. Ferrreira – Lupércio, SP.
94. Luiz Gonzaga - São Bernardo do Campo, SP.
95. Lurdinha Andrade – Presidente Prudente, SP.
96. Mabilon Rogerio Silva – Presidente Prudente, SP.
97. Magali Ap. Batista – Guarulhos, SP.
98. Máira Diniz de Souza – Salto, SP.
99. Marçal Magalhaes de Souza – Salto, SP.
100. Marcos Alberto Juvencio – Marília, SP.
101. Marcos Cesar - São Bernardo do Campo, SP.
102. Marcos MS – São Paulo, SP.
103. Maria Cristina – São Bernardo do Campo, SP.
104. Maria Custodia - São Bernardo do Campo, SP.
105. Maria da Conceição Oliveira - São Bernardo do Campo, SP.
106. Maria das Garças - São Bernardo do Campo, SP.
107. Maria de Jesus Pereira - São Bernardo do Campo, SP.
108. Maria Irene Palermo - São Bernardo do Campo, SP.
109. Maria Lucia Xavier Oliveira – Guarulhos, SP.
110. Maria Marta Pizzi – Marília, SP.
111. Maria Rita dos Santos - São Bernardo do Campo, SP.
112. Marina Maia Xavier - Lauro de Freitas, BA.
113. Mauro Moreira Gomes – Pracinha, SP.
114. Maxiliano Rosa da Silva - São Bernardo do Campo, SP.
115. Miguel Ferreira dos Santos – Pracinha, SP.
116. Moacir Rogerio - São Bernardo do Campo, SP.
117. Moacyr Américo – Itanháem, SP.
118. Moises Pedro da Silva – São Carlos, SP.
119. Murilo – São Bernardo do Campo, SP.
120. Nadir Carvalho – Guarulhos, SP.
121. Nathalia Kristina do Carmo – Marília, SP.
122. Neide Regis Lima dos Santos – Guarulhos, SP.
123. Nivaldo Borges Vicente – Guarulhos, SP.
124. Octacilio Fonseca – Marília, SP.
125. Odair Roberto da Silva - São Bernardo do Campo, SP.
126. Odete Teixeira Dias Gomes – Pracinha, SP.
127. Onilia Élide – Garça, SP.
128. Osman Martiniano – Guarulhos, SP.
129. Ozani Martiniano – Guarulhos, SP.
130. Pedro Messias Lopes – Guarulhos, SP.
131. Polyana Fé - Itanháem, SP.
132. Professor Cícero - São Paulo, SP.
133. José Renato dos Santos – Itu, SP.
134. Professor Vicente - São Bernardo do Campo, SP.

135. Raimunda Diniz - São Bernardo do Campo, SP.
136. Raimundo Fé - São Bernardo do Campo, SP.
137. Renan Silva Mancini – Presidente Prudente, SP.
138. Riquembergue Medeiros – Guarulhos, SP.
139. Rita Leite– Salto, SP.
140. Roberto Caetano – Itanhaém, SP.
141. Roberto Carvalho – Guarulhos,SP.
142. Roberto Costa Coelho – Guarulhos, SP.
143. Roberto Mendes Ferreira – Marília, SP.
144. Rodrigo Batista da Paz – Guarulhos, SP.
145. Rogério Romano - Guarulhos, SP.
146. Rogério Romão – Mairinque, SP.
147. Rosa Nobuco Maeda - São Bernardo do Campo, SP.
148. Rosana Martinano de Souza – Guarulhos, SP.
149. Rosiane Duarte da Silva – Lupércio, SP.
150. Rosicler Brito Reges – Guarulhos, SP.
151. Sabrina Corona Maraia – Marília, SP.
152. Sandro Cervantes - São Bernardo do Campo, SP.
153. Sandro Nunes - Carapicuíba, SP.
154. Sebastião Carlos de Oliveira – Marília, SP.
155. Sérgio Moche – Guarulhos, SP.
156. Sílvia Regina Rubini – Salto, SP.
157. Simone Pereira - São Bernardo do Campo, SP.
158. Soraya Vasconcelos - Guarulhos, SP.
159. Stephanie Ap. Reges dos Santos – Guarulhos, SP
160. Thiago Gomes - São Bernardo do Campo, SP.
161. Tiago – Presidente Prudente, SP.
162. Toninho Angavel – Angatuba, SP.
163. Valdina Alves Cardoso – Pompéia, SP.
164. Valmir Marini – Garça, SP.
165. Vera Lucia de Lima - São Bernardo do Campo, SP.
166. Vera Lúcia Martines - Araçatuba,SP.
167. Wanda Maria Devanir – São Bernardo do Campo, SP.
168. Wilson R. Batista– Garça, SP